



Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 2023

HOMILIA

da Missa em memória da Professora Cleonice Berardinelli

Caro Padre Anderson Pedroso, Magnífico Reitor da PUC-Rio, prezado Padre Arnaldo Rodrigues, Reitor da Igreja Sagrado Coração de Jesus, queridos familiares, amigos, ex-alunos, colegas de departamentos e de profissão de Dona Cleonice Berardinelli, amados irmãos e irmãs, a liturgia de hoje não podia ser mais apropriada para esta memória afetiva que celebramos: o Verbo se faz Poesia! Insiste em nos encantar... Sim, os textos que acabamos de ouvir cantam a Vida acontecendo – palavra e gesto – na obra da Criação e na existência mais corriqueira do povo, sob o rigorismo de fariseus e mestres da lei. O Logos desde os primórdios é Palavra desejosa de encarnar-se; corajosa, vai além e não se esvazia nem se anula sob o peso da tradição e dos velhos costumes.

No livro do Gênesis, a narrativa do céu e da terra atende, assim, a uma voz superior e enche de carne, ossos, vísceras e nervos os seres vivos que se animam e fervilham nas águas e sobre o chão, debaixo do firmamento do céu. Um cortejo de Vida de toda espécie nada, anda, corre, salta e voa. E Deus viu que era bom, abençoou-os, dizendo: sede fecundos e multiplicai-vos! Assim se fez no quinto dia...

E, no dia seguinte, ouve-se o anúncio, em primeira pessoa do plural: “Façamos o homem à nossa imagem e segundo a nossa semelhança...” – destinado a cuidar da Criação e a ser igualmente fecundo. E não foi apenas bom, como nos dias anteriores, mas, desta vez, o que havia sido criado era muito bom. Ocorrência única ao longo do relato – o Criador embevecido diante da criatura humana... prenúncio de um desejo e de uma vontade de Aliança!

Do mesmo modo, o Salmo responde a esta leitura, exaltando o Ser Divino, profunda Bondade e Misericórdia, Criador Amoroso. Não há, portanto, outra atitude senão a de um pasmo existencial e uma pergunta, igualmente inquietante, quando contemplamos os céus plasmados por dedos de artista, quando vemos a lua e as estrelas brilhantes. “Senhor, que é o homem para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?”



Ninguém tem, pois, condições de contestar um amor assim. Uma delicadeza acolhedora como esta gera constrangimento, porque não aprendeu outra coisa senão a amar exaustiva e ostensivamente, mesmo sob a ameaça do legalismo aterrador da pureza de hábitos antigos. Por essa razão, o Senhor mesmo insiste: “de nada adianta o culto que me prestam, se se ocupam dos seus preceitos para guardarem as próprias tradições”.

Aqui resta o que, de fato, importa: uma coerência profunda, uma elegância sem limites, um inventário de constrangimentos, a epifania de um Outro que pede reconhecimento e acolhida. É o que a Palavra Poética provoca. É o que Dona Cleonice aprende e ensina. É o que atesta a grande comoção que vivemos. E, aqui, meu silêncio é reverência, para não desbaratar o que sinaliza um para-além que haverá de ser preenchido por outros que com ela conviveram e se nutriram diretamente de uma fonte inesgotável. Sim, porque nada cessa com a sua passagem por nós, é contínua a reverberação das lembranças: ativas e atualizadas. Afinal, memória, nos termos bíblicos, é uma atualização e uma ativação de nossas melhores forças para vivermos à altura da Graça e da Vida que ressoa e se espalha, despertando as fibras de toda a Criação. Diante do Mistério, a Palavra também hesita, mas respeita, acolhe e anuncia, pois a Vida acontece e não para nas despedidas e nas circunscrições do tempo, que é vasto e permanece durando em nós.

Como vimos, a Criação exulta, o ser humano bendiz e agradece, o povo judeu reconhece: não se apreende a Palavra que anima a Vida; não se detém o instante; há algo novo acontecendo e uma presença eloquente outra vez se faz sentir, de outras formas, por outras vozes, como estas que aqui estão e vão ousar seguir cantando. Nada do vivido passará, porque mora uma alegria que acende a noite e amanhece a alma.

Senhor, dá-nos esta graça: fala em nós com a Tua Palavra! Escreve tudo o que precisar deste registro. Muitos compreenderão, de uma vez por todas, “Corações ao Alto” como a mais sublime louvação. Nada se perdeu do muito que temos vivido. Que assim seja! Amém!

Pe. André Luís de Araújo, S.J.
Vice-Reitor Geral